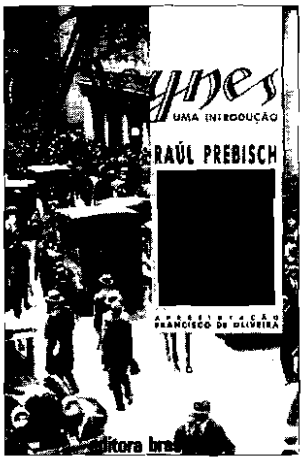


KEYNES: UMA INTRODUÇÃO

de RAÚL PREBISCH
Traduzido por **Otacílio Fernando Nunes Jr.** São Paulo: Brasiliense, 1991. 1. ed., 148 p.

■ Por **Flávio Vilela Vieira**, Professor do Departamento de Economia da Universidade Mackenzie e Mestre em Economia pela EAESP/FGV.

O trabalho de Prebisch pode ser melhor compreendido tendo-se como referencial sua relevância à formulação de uma análise à Teoria Ricardiana das Vantagens Comparativas, com repercussões diretas sobre as estratégias de desenvolvimento das economias latino-americanas.

Raúl Prebisch, enquanto integrante da Teoria do Subdesenvolvimento da CEPAL, tinha os olhos voltados à compreensão da importância do Estado na formulação das políticas de desenvolvimento econômico, sendo este o elo central entre suas idéias e a obra de Keynes. Evidentemente, há por trás desta questão a própria necessidade da superação do problema do desemprego, comum aos contextos históricos de ambos.

A idéia keynesiana de que o combate ao desemprego crônico nos momentos de crise exige a adoção de medidas fiscais (gastos) contundentes, não podendo ser equacionada meramente através do livre jogo das forças de mercado, fundamenta a necessidade das economias subdesenvolvidas terem uma inserção no comércio internacional que não seja pautada pela deterioração dos termos de troca, aspecto este enfatizado pelo pensamento Estruturalista latino-americano.

A polarização entre nações ricas exportadoras de bens industrializados e nações pobres exportadoras de bens primários, guardadas as ressalvas que diferenciam a época da formulação da Teoria do Subdesenvolvimento e o contexto internacional recente, revela a imperiosa necessidade de se solucionar os chamados desequilíbrios estruturais existentes nas economias capitalistas, que em última instância estão intimamente ligados à preocupação de Keynes em formular uma Teoria do Emprego no intuito de se entender como superar os limites ao crescimento econômico impostos pela escassez de demanda agregada.

Raúl Prebisch, ao elaborar esta obra, pretende antes de mais nada desmistificar alguns dogmas convencionais vinculados à própria Teoria das Vantagens Comparativas e ao pensamento Clássico, principalmente no que diz respeito à relação entre poupança e investimento, utilizando-se para isso de uma subdivisão literária que sistematiza as principais contribuições de Keynes em cinco partes.

A parte introdutória procura destacar a importância dos problemas de insuficiência da demanda agregada, onde faz a distinção das abordagens de Keynes e dos Clássicos para explicar os momentos de desequilíbrio das economias capitalistas. A segunda parte concentra-se na discussão do papel dinâmico da variável investimento, e portanto na explicação da idéia do multiplicador. Na seqüência, a análise é voltada para o estudo da relação entre a taxa de juros e o rendimento provável do capital (eficiência marginal). A penúltima parte aborda o papel que a variação na taxa de juros exerce sobre o nível agregado de investimentos, e a repercussão dos fatores psicológicos sobre a eficiência marginal. A quinta e última parte tem por objetivo integrar os elementos anteriores dentro de uma perspectiva geral envolvendo a determinação do nível de emprego agregado com base na magnitude e no efeito multiplicador do investimento.

O eixo direcionador da argumentação de Prebisch, no esclarecimento da Teoria do Emprego de Keynes, concentra-se na questão de como os níveis de investimentos são sistematicamente insuficientes para exaurir toda a poupança (isso não deve ser visto como a antecedência da poupança sobre o investimento), especialmente quando se trata de países com reduzido grau de desenvolvimento das forças produtivas, como é o caso da América Latina.

A publicação de um trabalho, como este de Prebisch, pode ser vista, *a priori*, como tendo uma pequena relevância dentro do cenário atual das economias capitalistas, marcadas essencialmente por medidas liberalizantes visando a uma maior integração do comércio mundial, mas esta visão míope se desfaz quando da percepção de que qualquer estratégia de desenvolvimento econômico auto sustentado só terá sucesso caso não adote uma perspectiva minimalista do Estado. Tal argumento não deve, no entanto, ser confundido com discursos contrários à racionalização do aparelho estatal.

Finalizando, o que se pode dizer é que Raúl Prebisch consegue com relativa maestria elaborar uma análise introdutória da Teoria Geral de Keynes, tendo como mérito principal a clarividência em estabelecer pontos de ligação entre uma obra de reconhecido fôlego dentro da Teoria Econômica e a realidade das economias em desenvolvimento, fazendo uso inclusive de fatos históricos com intuito ilustrativo do grau de adequação das proposições de Keynes para as economias capitalistas. Há que se ressaltar que o presente trabalho de Raúl Prebisch deve ser visto como um referencial ímpar para a divulgação das origens da economia keynesiana de uma maneira adequada aos leitores que necessitam dos conhecimentos básicos do pensamento econômico. ❑



KONOSUKE MATSUSHITA, O SENHOR DO TEMPO – MODERNIDADE E MACROQUALIDADE

de LUIZ FERNANDO DA SILVA PINTO
São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

■ Por **José Cezar Castanhar**, Diretor Administrativo da FGV e Professor da EBAP/FGV.

Os recentes reveses sofridos pela economia japonesa (declínio da lucratividade das empresas, crise no mercado financeiro e queda nas taxas de crescimento econômico) têm feito ressurgir previsões pessimistas, muitas vezes apocalípticas, sobre o futuro da economia e da sociedade japonesas. É comum surgirem, nesse contexto, minuciosas análises vaticinando o próximo e inexorável ocaso do império econômico do país do sol nascente. Na realidade, nos últimos 20 anos insuspeitos analistas têm realizado previsões semelhantes. Foi assim em 1973 e 1978 por ocasião dos dois choques do petróleo, na recessão econômica dos países desenvolvidos entre 1979 e 1982 e, finalmente, com a queda do dólar e a espetacular valorização do *yen* entre 1985 e 1987.

Em todas essas ocasiões afirmaram os analistas internacionais que o Japão, sendo uma economia profundamente dependente de matérias-primas (especialmente o petróleo) para o funcionamento de suas indústrias e do comércio internacional para o escoamento de sua produção, seria mortalmente atingido em sua vitalidade econômica e dificilmente se recuperaria. Em todas essas ocasiões, todavia, a economia japonesa frustrou a expectativa daqueles que anteciparam o seu ocaso e emergiu das crises mais sólida e vigorosamente.

De fato, em todos aqueles momentos, o Japão enfrentou crises formidáveis que poderiam ter levado qualquer outra sociedade à estagnação e decadência, o que realmente ocorreu, tanto em países muito ricos como em outros, nem tanto. A economia japonesa soube encontrar, no entanto, a dose certa de disciplina, tenacidade, inovação e entusiasmo para superar adversidades e prosseguir na sua trajetória de crescimento, consolidando cada vez mais sua vitalidade e ampliando, na realidade, sua liderança mundial.

E agora? Chegou, finalmente, a hora da verdade para o Japão? Será a crise atual aquela que a economia japonesa não encontrará forças e meios para superar? Uma atitude prudente dos analistas internacionais antes de responderem a essas perguntas seria indagar antes: o que é, na verdade, o Japão?; como funciona a economia japonesa?; como pensa e reage o empresário japonês em face da crise?. Nessa tarefa, o livro *Konosuke Matsushita, o Senhor do Tempo – Modernidade e Macroqualidade*, de Luiz Fernando da Silva Pinto, pode ser um importante e insubstituível guia. Indicado a professores e executivos interessados em técnicas gerenciais japonesas, trata-se de uma formidável e minuciosa análise da formação do caráter, das habilidades artesanais e estratégicas e da sensibilidade social do empresário e da sociedade japonesa em geral, partindo de um estudo biográfico preciso e penetrante de um de seus mais talentosos e bem-sucedidos representantes: Konosuke Matsushita, fundador da Corporação Matsushita, mundialmente conhecida por suas marcas National, Panasonic, Technics e Quasar.

Partindo de um pequeno empreendimento artesanal na cidade de Osaka em 1918, Konosuke Matsushita construiu um império empresarial que opera hoje em uma centena de países, ostenta um fatura-